



SIRON FRANCO

instituto de arte contemporânea

MONTESANTI GALLERIA

SIRON FRANCO

1986

ENSAIO PARA UM RECITAL óleo sobre tela 180x170 1986

270, AV. ATAUFO DE PAIVA L.J. 114
RIO DESIGN CENTER
RIO DE JANEIRO TEL. (021) 239-9391

655, AVENIDA EUROPA
SÃO PAULO SP BRASIL
CEP. 01449 TEL. (011) 852-3897 853-2123



SIRON FRANCO Goiânia 1986

Minha briga com Siron Franco deve ter começado logo que cheguei ao Rio, em 1966, para assumir a coluna de artes plásticas do antigo Diário de Notícias. Contudo, os artigos mais contundentes que escrevi contra sua pintura datam de 1976 e foram publicados em *O Globo*.

O primeiro deles, "Goiás, o horror" (15.1.1976) provocou revolta entre os críticos locais. No ano anterior, Siron recebera o prêmio de viagem ao exterior no Salão Nacional e, com suas "fábulas de horror" ganhou um dos prêmios regulamentares da 13.^a Bienal de São Paulo. Estava, então, no auge de seu prestígio como artista medianamente jovem e provinciano, mas já paparicado por um contingente respeitável de críticos. Eu navegava contra a corrente dizendo que seus monstros e bestas, domesticados e embelezados, já podiam decorar os salões elegantes. Horror verdadeiro, para mim, era o que Bernardo Elis narrava em seus livros.

"A agressividade contida nas bonitezas da matéria", era o título de um artigo de 16.9.1976. Nele eu elogiava o seu domínio técnico da pintura, mas, ao mesmo tempo, dizia que a agressividade inicial de suas imagens sofria um processo de amaneiramento em função de sua própria destinação ao mercado consumidor. E pela primeira vez, anotava o conflito entre o agredir e o agradar, com o qual passei a espicaçar continuamente sua pintura. Mas escrevi também que seu universo de gente enjaulada, se entredorvorando, corroendo seus fantasmas interiores, na mórbida confluência do horror e do amor, do humor e do rancor (...) permitia extrapolações para a realidade brasileira daquele momento - a censura, o poder crescente da tecnocracia, a arrogância do poder etc.

Em 1978, depois de uma temporada na Espanha, Siron Franco voltou a expor no Rio. Apresentando-o, Jayme Maurício falava de uma acentuação da libido em sua pintura, mas, para mim, esse impulso libidinal ou a erotização do gesto estavam moldados pela ótica do consumo. E outra vez bati na mesma tecla: Siron agride nos temas de horror e dor para logo em seguida agradar com efeitos de matéria e cor. Nele, até mesmo o sentimento de revolta era pretexto para uma pintura vistosa e vendável. Eu estava ficando chato.

A verdade, porém, é que mesmo malhando, eu nunca deixei de ver as exposições de Siron Franco. Freud deve explicar. Acho que sua pintura me atraía muito mais do que eu imaginava.

Minha opinião sobre sua pintura começou a mudar com a grande tela que ele enviou para a mostra "Uma interpretação brasileira de Guernica", realizada em 1981, na Funarte. Siron se mostrou ao mesmo tempo fiel à obra de Picasso e ao seu contexto regional, encontrando novas soluções formais como, por exemplo, a superposição de grafismos e matéria pintada. Para mim, este quadro foi um divisor de águas.

O certo é que, um ano depois, já podíamos dialogar com franqueza sobre sua pintura. Foi o que aconteceu numa longa entrevista que com ele realizei para *O Globo*, em novembro de 1982, por ocasião de nova exposição sua no Rio. Uma das coisas que Siron me disse: "Eu fica-

va muito irritado com seus artigos criticando minha pintura, enquanto toda a crítica me elogiava. Mas, hoje, devo admitir que eles me ajudaram muito, inclusive para não deixar o sucesso subir à cabeça." E acrescentava: "Estou preocupado com a pintura enquanto objeto de reflexão, preocupado em resolver a figura enquanto problema de espaço. Eu diria até que o assunto, hoje, é apenas pretexto para realizar uma boa pintura." Ou seja, Siron queria construir melhor suas telas, mas sem abandonar a postura crítica.

Nessa entrevista fiz a seguinte observação: morando no Planalto Central, onde há fartura de espaço, Siron não cultivava a paisagem. Em suas narrativas pictóricas, o que vemos, sempre, é um espaço fechado, sem portas ou janelas, sugerindo opressão, com personagens mórbidos se autodevorando. Me lembrei de Jules Supervielle, citado por Bachelard, que fala do "excesso de espaço que nos asfixia muito mais que a escassez", ou da "vertigem exterior", que se opõe à "imensidão interior". Siron me disse, então, que quase nunca olha para o céu e que passa a maior parte do seu tempo em interiores - da casa, do carro, do avião, do escritório ou ateliê e que necessita de um espaço fechado, de um canto, para poder trabalhar. Foi mais longe, dizendo que um dos objetivos de sua pintura é mostrar justamente essa opressão do espaço, inclusive do espaço político enquanto manifestação do poder. Mas não sendo uma pessoa mórbida via tudo isso com um certo humor. Quero juntar, ele dizia, pintura e agressão, violência e pintura, quero que minha pintura seja uma denúncia desse poder que deforma, mas que seja também invenção.

Mudei, mudamos. A insistência no slogan agredir/agradar tornava por vezes minha crítica injusta, mas Siron, mesmo magoado, a aceitava como um estímulo e especialmente, creio, como uma forma de policiar seu virtuosismo, a sua extraordinária facilidade para pintar. De minha parte, sou hoje menos dogmático, estou mais aberto à pluralidade de tendências da arte brasileira e muito mais disposto a aceitar a existência de complexas mitologias individuais que compõem o ecúmeno de nossa arte. E a própria pintura de Siron também mudou, ela está mais urbana e menos rural e o humor vai ganhando espaço em suas narrativas.

E foi assim, com esta nova visão da pintura de Siron Franco, que fui ver em seu ateliê de Goiânia, os quadros que se encontram aqui expostos. O que primeiro constatei foi sua preocupação em "expressar a pintura mais do que a figura". Em seguida me impressionou o modo como Siron opera plasticamente a realidade que o circunda, o modo como ele transforma os costumes, lendas, mitos, o cotidiano da realidade goiana, o lado reçalhado da sociedade, o banal da vida de todo o dia na província e, finalmente, a sua própria biografia, em fatos pictóricos ou numa realidade plástica autônoma.

Porque, atrás de cada quadro seu, existe uma história, um anedota, um fato vivido, a memória da infância, e dos pais - ele, meio ermitão e curandeiro, ela, muito religiosa, de hábitos severos e dura com os filhos - Siron se confessa incapaz de realizar uma pintura abstrata ou geométrica. Necessita, como o ar, de uma relação direta e visceral com a realidade que o cerca. E assim foi mergulhando fundo nessa realidade - Goiás Velho, onde nasceu, Goiânia, Planalto Central e, pouco a pouco, também, a megalópolis, pois que desde algum tempo reside também em São Paulo. No planalto, sob a enorme calota celeste, de uma luminosidade que dói nos olhos, descobre um mundo mito-mágico, primitivo, místico, religioso, subterrâneo, mas que convive com satélites, Mirages, modernos meios de comunicação, com o poder econômico, a droga, os modismos culturais e o *grand-monde*. E tudo isso ele põe em sua pintura: a anta, animal totêmico, e a sucuri que ronda seu sítio, a onça e a pele de onça da *socialite* local, cabeças cortadas ou arrancadas, ex-votos e efígies gregas, corpos mumificados, metempsicose e, também, histórias de prostitutas e pecuaristas, de manicures, amantes e maridos traídos, cenas de saraus e recitais domésticos. Por vezes sinto um clima religioso e ritualístico envolvendo sua pintura, assim como percebo citações de Bacon, de Lindner, de Câmara, quem sabe de Ismael Nery, da *pop* e, afinal, dele próprio, pois que sua pintura já criou tradição e exerce considerável influência na arte brasileira, especialmente entre os artistas mais jovens ou em formação. A imaginação de Siron não pára de agir, o jorro de imagens é contínuo, a narrativa se abre em múltiplas direções. Enfim, há muito que Siron Franco criou seu próprio universo e sobre ele exerce absoluto controle. E em arte, o que conta, afinal, é isso: inventar.

Frederico Morais
Rio, outubro, 1986



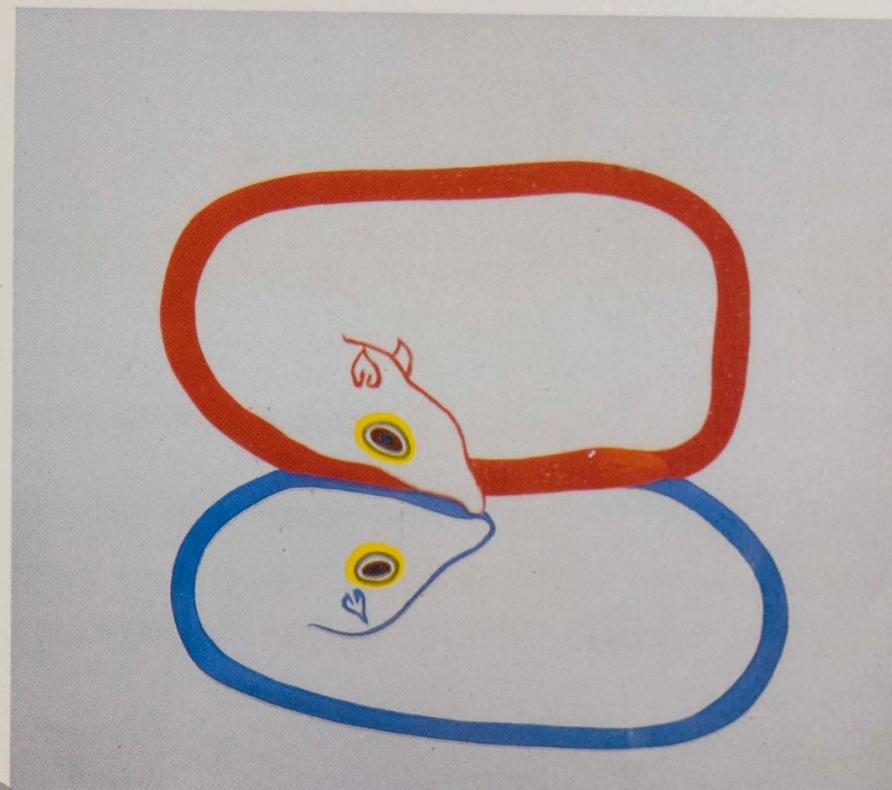
O BICHO HOMEM óleo sobre tela 140x160 1986



7 FILEIRAS ou CAMINHO PARA O CÉU óleo sobre tela 140x160 1986

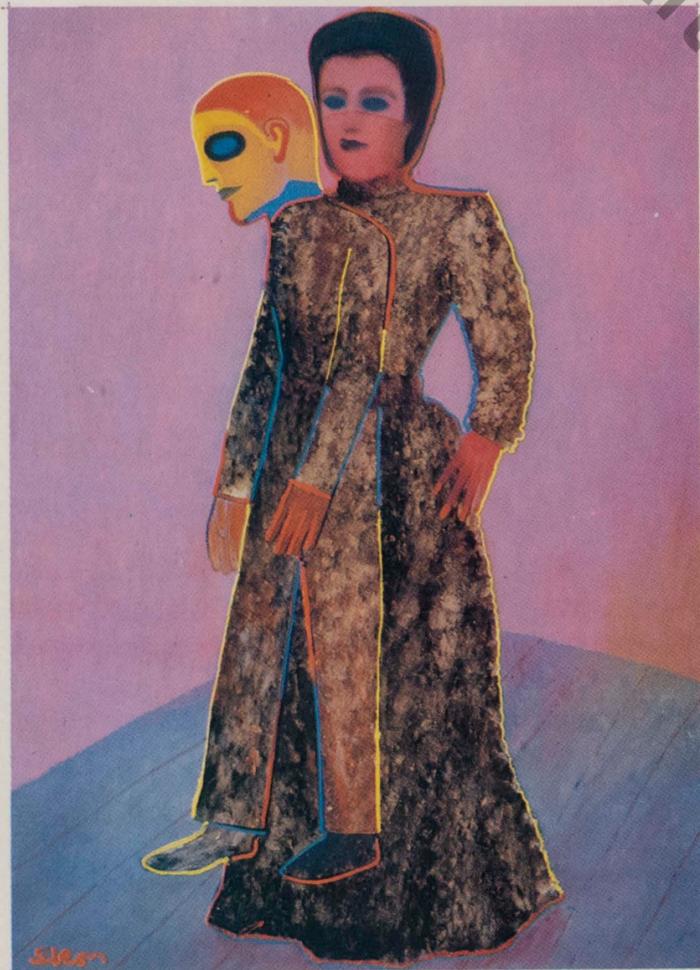


JOANA D'ARC ou A MOÇA DA PECUÁRIA óleo sobre tela 140x160 1986



REFLEXO óleo sobre tela 140x160 1986

instituto de arte contemporânea



RETRATO ACADÊMICO COM INTEFERÊNCIA
óleo sobre tela 200x140 1986

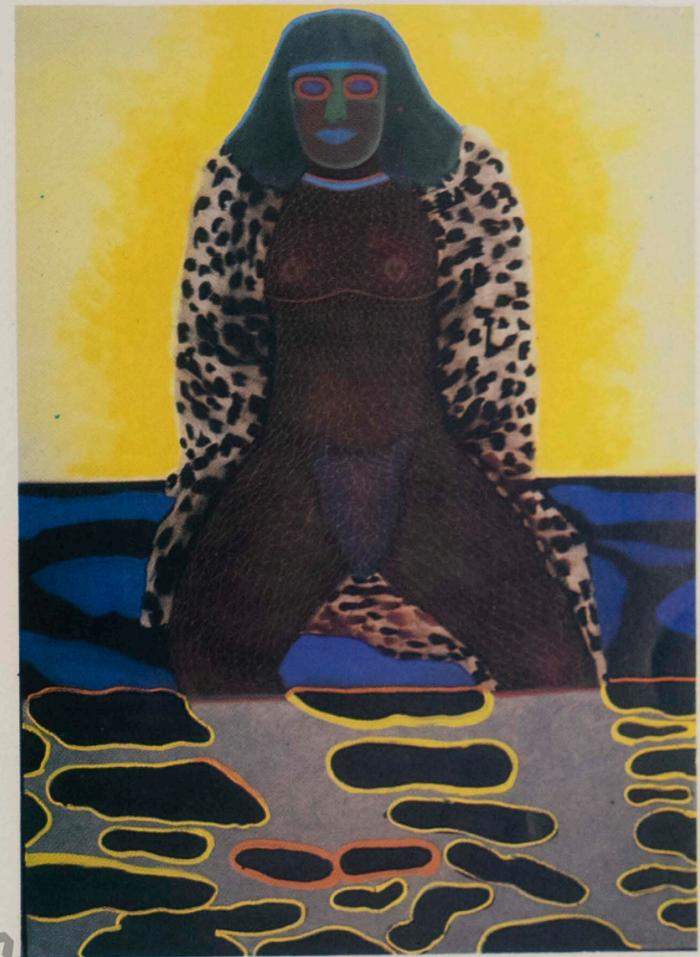
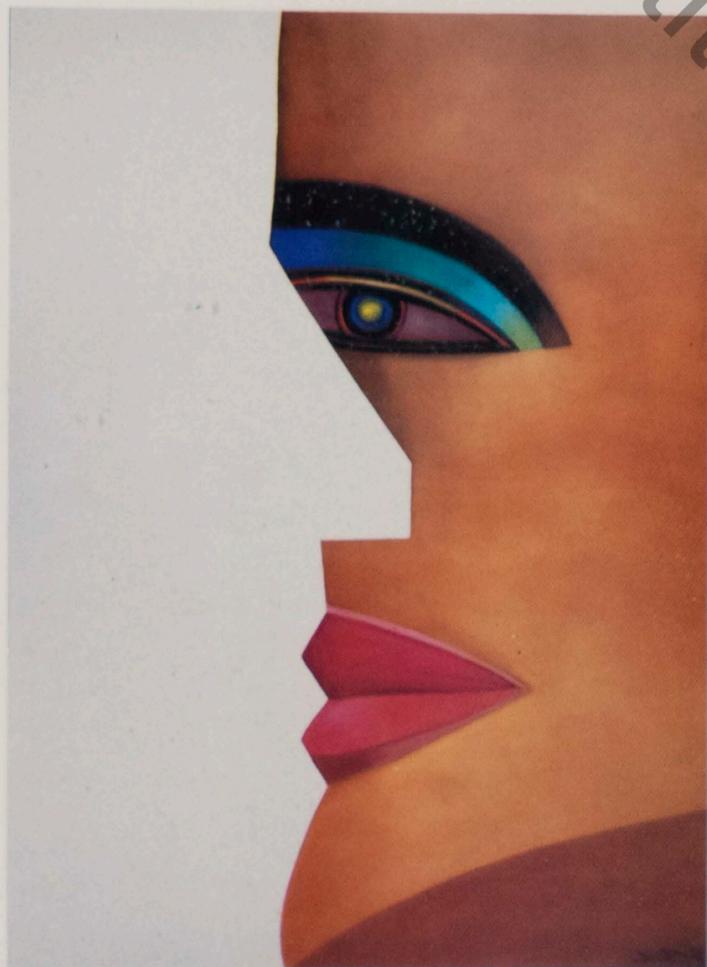
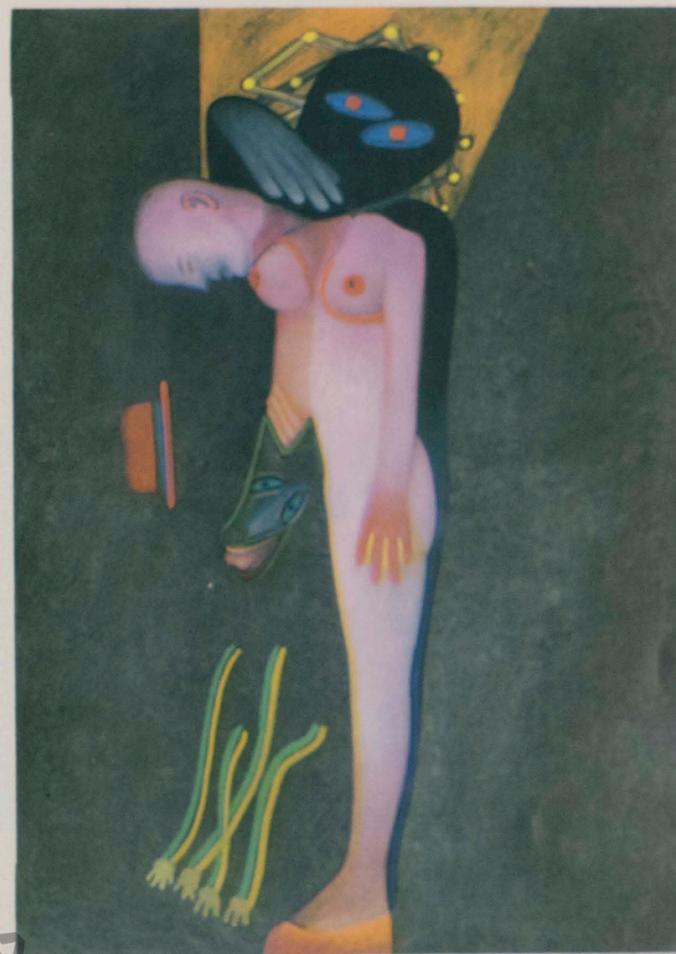


FIGURA NA CONTRA-LUZ óleo sobre tela 200x140 1986



UM BEIJO NO BRANCO óleo sobre tela 200x140 1986



PECADO ORIGINAL óleo sobre tela 200x140 1986



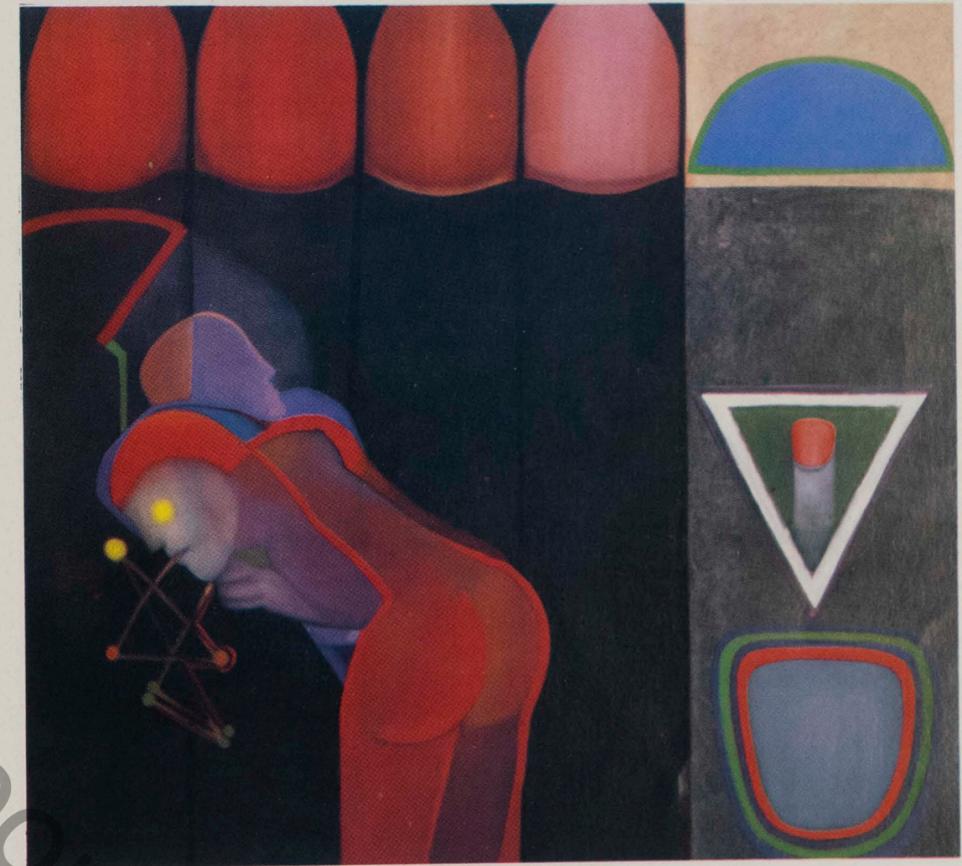
4 DE PAUS óleo sobre tela 140x200 1986



RODA DA VIDA óleo sobre tela 140x200 1986



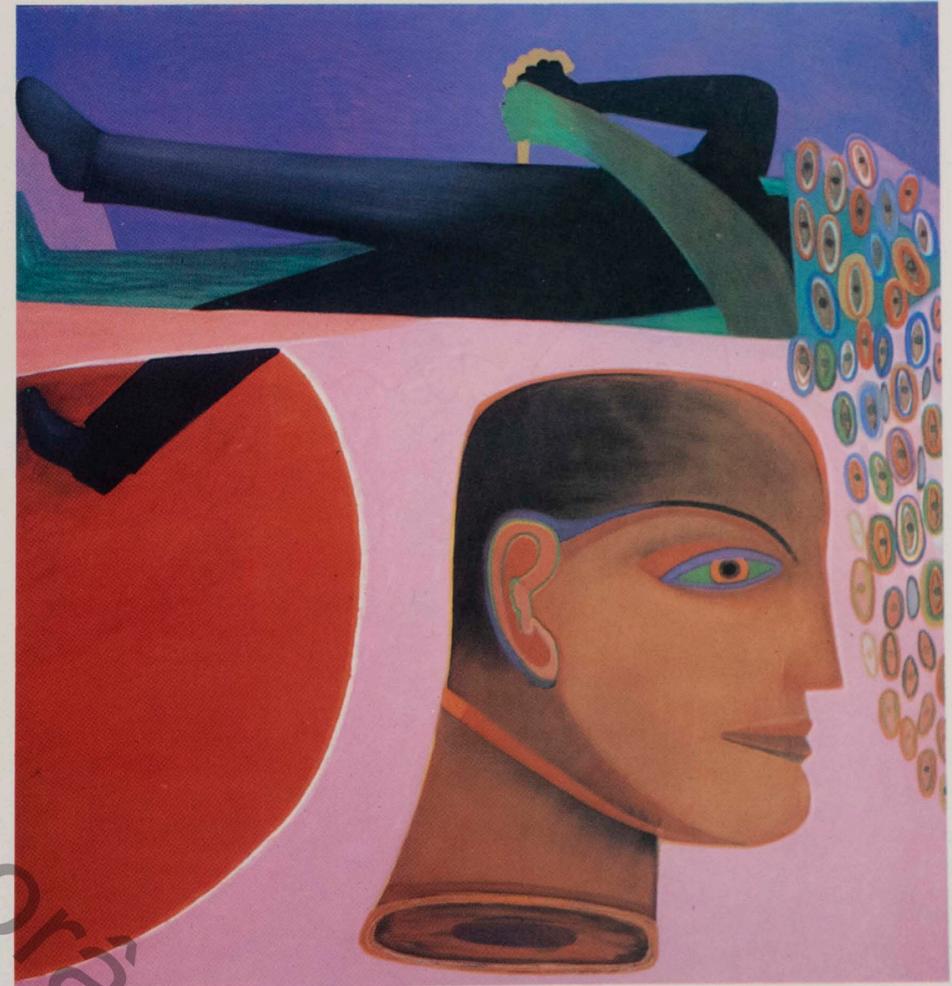
UMA CENA CLÁSSICA óleo sobre tela 170x180 1986



O AMANTE DA MANICURE óleo sobre tela 170x180 1986



MÃOS À PALMATÓRIA óleo sobre tela 160x140 1986



DAVID E GOLIATH óleo sobre tela 180x170 1986

Siron Franco

- 1947 Nasce em Goiás, antiga capital do Estado de Goiás.
- 1959 Inicia seu aprendizado de pintura, em Goiânia, no atelier de Cléber Gouveia e D.J.Oliveira.
- 1967 Individual de desenhos no Hotel Bandeirantes, Goiânia.
- 1968 Prêmio de Aquisição em desenho na II Bienal da Bahia.
- 1969 Individual de desenho e pintura na Fundação Cultural do Distrito Federal, Brasília.
- 1970 Transfere-se para São Paulo, onde frequenta o atelier de Bernardo Cid. Coletiva "Surrealismo e Arte Fantástica", Galeria Seta, São Paulo.
- 1972 Individual na Galeria do Iate Clube, Rio de Janeiro.
- 1973 Individual na Galeria Guignard, Porto Alegre, e individual inaugurando a Galeria Intercontinental, Rio de Janeiro. Prêmio de Viagem ao México no I Salão Global da Primavera, realizado em Brasília pela Rede Globo.
- 1974 Isenção de Júri no XXIII Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro. Prêmio de Melhor Pintor Brasileiro na Bienal Nacional, São Paulo. Individual na Petite Galerie, Rio de Janeiro. Coletiva de artistas brasileiros no Japão.
- 1975 Individuais na Galeria Cosme Velho, São Paulo, e na Galeria Oscar Seráfico, Brasília. Prêmio de Viagem ao Exterior no XXIV Salão Nacional de Arte Moderna, Rio. Prêmio Internacional de Pintura na XIII Bienal de São Paulo.
- 1976 Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo. Individual na Petite Galerie, Rio. Viaja para a Europa com o prêmio do Salão Nacional, residindo em Madrid, Paris, Londres, Roma e Estocolmo.
- 1977 Coletiva de Artistas Goianos nas Embaixadas Brasileiras em Roma, Paris e Milão. Individual na Galeria Casa Grande, Goiânia.
- 1978 Retorna ao Brasil. Individuais na Galeria Bonino, Rio, e na Galeria Casa Grande, Goiânia.
- 1979 Individuais na Fundação Cultural do Distrito Federal, Brasília, e na Galeria Casa Grande, Goiânia. Participa da XV Bienal Internacional de São

Paulo. Inicia o projeto "Ver a Cidade", realizando diversas interferências no espaço urbano de Goiânia.

- 1980 Convidado para a mostra "Destaques Hilton de Pintura", dos dez artistas que mais se destacaram na década de 70, e que percorre diversos museus brasileiros. Individuais no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e no Museu de Arte Moderna da Bahia. Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte para a Melhor Exposição de Pintura do Ano.
- 1981 Representa o Brasil na IV Bienal de Medellín, Colômbia. Integra a representação brasileira à V Bienal de Valparaíso, Chile. Participa de coletivas de artistas brasileiros no Museu de Arte Moderna de Bogotá, Colômbia, e no Museu de Arte Moderna do Chile. Convidado pelo Museu de Arte de Osaka para a mostra "Arte Contemporânea Latino-Americana e Japonesa". Coletiva "Arte de Goiás" na Galeria Prestes Maia, São Paulo. Individuais na Galeria Ranulpho, Recife, Galeria Salamandra, Porto Alegre, e Galeria Casa Grande, Goiânia. Olívio Tavares de Araújo realiza o filme "Universo de Siron", premiado como "Meilleur Essai" No 2.º Festival Internacional do Filme sobre Arte de Montreal, Canadá.
- 1982 Individuais na Galeria Casa Grande, Goiânia, e na Galeria Bonino, Rio. Prêmio Mário Pedrosa para a Melhor Exposição do Ano, no Rio. O Museu da Cidade de Colônia, Alemanha, compra seis painéis de 1,80 x 1,70m.
- 1983 Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo. Individuais na Galeria Ranulpho, Recife, na Bolsa de Arte, Porto Alegre, e na Galeria Ida e Anita, Curitiba.
- 1984 Convidado para coletiva no Museu Metropolitano de Tóquio. Convidado para a mostra itinerante "A Cor e o Desenho do Brasil", que percorrerá vários países da Europa. Convidado para a IV Bienal Iberoamericana do Auto-Retrato, no México. Convidado para expor, junto com Antônio Henrique Amaral, em Ottawa, Canadá. Individual na Galeria Mandala, Belo Horizonte. Individual na Galeria Paulo Figueiredo.
- 1986 1.º Semestre: Galeria São Paulo
2.º Semestre: Galeria Montesanti.

6 a 23 de Novembro de 1986

Showroom 3.º piso
Horário de funcionamento: das 10 às 22h
Sábado das 10 às 18h
Domingo das 10 às 20h

Projeto Visual e Gráfico Carlos von Schmidt
Edição artes:

MONTESANTI

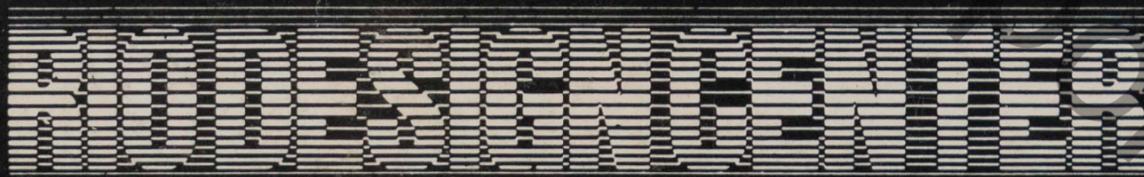
G A L L E R I A

270, AV. ATAULFO DE PAIVA LJ.114
RIO DESIGN CENTER
RIO DE JANEIRO TEL. (021) 239-9391

655, AVENIDA EUROPA
SÃO PAULO SP BRASIL
CEP. 01449 TEL. (011) 852-3897 853-2123

Nisete Sampaio
28615926

Apoio Cultural:



Av. Ataulfo de Paiva, 270 - Leblon
Estacionamento próprio - A Etiqueta da Casa.